



PAUSA NA RECESSÃO FOI COLHIDA NAS LAVOURAS

Foi nas lavouras que o Brasil cultivou a trégua na recessão, depois de dois anos de resultados ruins na economia.

A safra recorde colhida no país foi a grande propulsora do crescimento de 1% do PIB no primeiro trimestre deste ano, quando comparado com o quarto trimestre de 2016. A agropecuária nacional teve no período avanço na casa dos dois dígitos: 13,4%. Foi o melhor resultado desde o quarto trimestre de 1996, quando a expansão foi de 23,8%. Relacionado a igual trimestre do ano anterior, o PIB do setor teve alta de 15,2%, melhor performance desde o primeiro trimestre de 2013, quando cresceu 21,5%.

– Quem tirou o Brasil da recessão foi o agro. Se o Brasil inteiro crescesse como o setor, teríamos expansão acima da média asiática na economia – avalia Antônio da Luz, economista-chefe da Federação da Agricultura do Estado (Farsul).

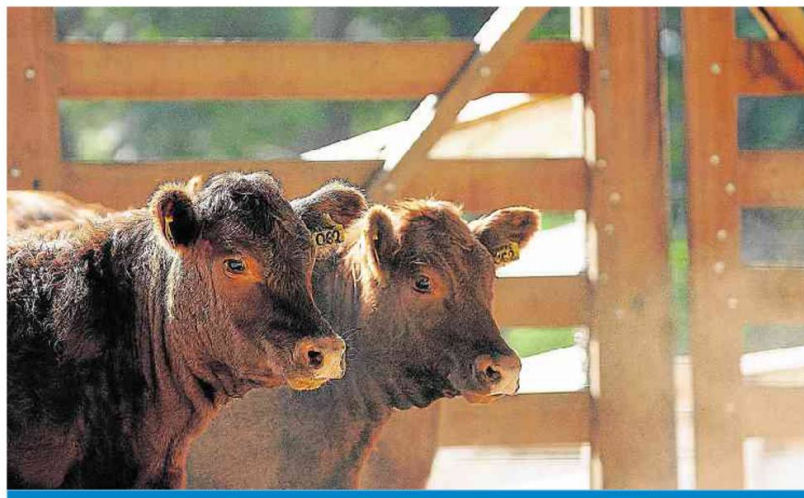
A geração de riqueza vinda da agropecuária é bastante sazonal e tem, em cada trimestre, impacto de culturas características do período. Nesses primeiros três meses de 2017,

a força vem principalmente da produção de grãos (milho primeira safra e soja) do Centro-Oeste.

– Nessa região, houve recuperação em relação à quebra registrada no ano passado. O crescimento no total de grãos do país pode ser explicado pela recuperação do rendimento físico – explica Rodrigo Feix, coordenador do Núcleo de Estudos do Agronegócio da Fundação de Economia e Estatística (FEE).

Das lavouras gaúchas veio a contribuição de culturas como arroz, que também teve recuperação em relação ao ano passado, fumo, maçã e uva, com volume recorde depois de quebra acentuada em 2016. Diferentemente do Brasil, no Rio Grande do Sul o efeito maior da safra de soja sobre o PIB ocorre no segundo trimestre do ano.

O economista da Farsul faz uma ressalva: apesar da supersafra e da influência positiva na economia, o agricultor não terá no bolso efeito na mesma proporção. A queda do preço das commodities e o enfraquecimento do mercado fizeram do último ciclo de verão um dos menos rentáveis para o produtor, assegura Luz.



A temporada de remates de outono do Rio Grande do Sul chega ao fim com médias inferiores às do ano passado. O preço do quilo vivo do

terneiro caiu mais de 10%, de R\$ 6,16, em 2016, para R\$ 5,52 em 2017, como aponta levantamento (veja tabela) feito pelo Sindicato das Leiloeiros Rurais do Estado (Sindiler-RS). O número de exemplares negociados também encolheu: de 31,58 mil para 25,03 mil. Esse quadro não chega a ser uma surpresa, já era projetado no início do ciclo. E, claro, houve feiras e negócios em que houve exceção à regra.

Para Jarbas Knorr, presidente do Sindiler, pelo menos dois fatores tiveram influência no resultado. O primeiro foi o aumento das exportações de terneiros em pé para países como a Turquia. O segundo, a crise econômica vivida no país. Há ainda o preço do boi gordo em baixa.

– Mesmo diante de tudo isso, salva-se a genética do nosso gado – ressalva Knorr.

RESULTADOS EM PISTA

O consultor Fernando Velloso diz que a média registrada é um número negativo, embora isso não seja surpreendente porque tem

relação com o valor do boi gordo: – Os produtores sabiam que seria um ano de redução de preços.

Reflexo do ciclo vivido na pecuária, que é de baixa, e de situações complementares, como a Operação Carne Fraca e as delações da JBS, que “enfraqueceram o mercado de carnes”.

O quadro de recessão também provocou mudanças no hábito do consumidor, que colocou menos bovino no prato, optando por proteínas animais mais baratas.

OS NEGÓCIOS DA TEMPORADA

Categoria	Quantidade	Valor (por quilo)
Terneiros	25.038	R\$ 5,52
Terneiras	12.661	R\$ 5,08
Vaquilhonas	5.566	R\$ 4,97



PROVA DISPUTADA EM SANTA MARIA

A combinação de pista de qualidade, ciclo competitivo e posição de destaque de criadores da região na prova trazem para a classificatória de Santa Maria do Freio de Ouro a expectativa de uma disputa de alto nível.

A quinta seletiva deste ano ocorre no Parque de Exposições da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) neste final de semana. Oito conjuntos devem

carimbar o passaporte para a grande final da competição, durante a Expointer.

– Esta é uma região composta por criatórios de muita excelência, qualidade e tradição – afirma Daniel de Souza Melo, um dos jurados das fêmeas.

A prova, organizada pela Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos (ABCCC), é a mais importante da raça.



FABRIL/AMERICA ARCC. DIVULGAÇÃO. BR. 02/06/2016

NO RADAR

O CLIMA está complicando a vida do produtor de trigo no Rio Grande do Sul. A chuva sem trégua praticamente paralisou o trabalho no campo. Segundo levantamento da Emater, apenas 3% da área foi semeada, quando a média seria de 30%.

AINDA UM PARA CADA LADO

Bayer e Monsanto ainda são, na prática, duas empresas separadas. A integração das marcas só deve ocorrer após a aprovação da compra feita pela companhia alemã pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica do Brasil. A previsão é de que isso ocorra até o final do ano. Além do Brasil, é necessário o sinal verde para o negócio de

Estados Unidos, União Europeia, Índia e China.

A aquisição da Monsanto pela Bayer foi anunciada em setembro do ano passado. O negócio de US\$ 66 bilhões reunirá a líder mundial em sementes transgênicas com a principal vendedora de defensivos, criando uma gigante mundial com volume anual de negócios de US\$ 25,8 bilhões.

COBERTOR CURTO PARA O SEGURO

Em roteiro itinerante pelo país, a Comissão Consultiva dos Entes Privados de Seguro Rural desembarcou ontem em Porto Alegre para discutir o mecanismo. O encontro, na Federação da Agricultura do Estado (Farsul), contou com a presença de integrantes do Ministério da Agricultura, da Secretaria da Agricultura, das seguradoras e de representantes do agronegócio.

Serviu para fazer diagnóstico e apresentar exemplos de inovações. E o caso o de São Paulo, que criou fundo que arrecada R\$ 60 milhões ao ano e é aplicado em seguro e em incentivo ao segmento.

– O problema do seguro se resume a um fator: o governo não está fazendo a parte dele, que é a da subvenção – afirma Elmar Konrad, presidente da Comissão de Crédito Rural da Farsul.